

# “Mãe empreendedora”: entre a promessa de uma subjetividade emergente e a frustração performática

**Julia Salgado**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

**Marianna Ferreira Jorge**

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

## Resumo

Este artigo objetiva examinar a subjetividade idealmente construída em torno da figura da “mompreneur”, neologismo inglês que designa uma nova categoria social: a de mães empreendedoras. Após sua criação em 1996, esta nova classificação se disseminou exponencialmente nos últimos anos em muitos países do mundo, inclusive no Brasil. O intuito do trabalho é compreender alguns de seus sentidos, bem como suas implicações nas subjetividades contemporâneas. Recorrendo à análise de discurso de matriz foucaultiana, examinamos depoimentos postados no grupo *Maternativa*, presente no *Facebook*, em que podemos constatar uma ambiguidade entre o ideal subjetivo e a frustração decorrente de um imperativo performático.

## Palavras-chave

Subjetividade. Neoliberalismo. Mal-estar.

## Introdução

No livro *A terceira mulher*, o filósofo francês Gilles Lipovetsky (2000) afirma que “[...] nenhuma revolução social de nossa época foi tão profunda, tão rápida, tão rica de futuro quanto a emancipação feminina” (p. 11). No entanto, embora as lutas das primeira e segunda ondas feministas tenham possibilitado uma maior participação da mulher no mercado de trabalho (PINTO, 2010), sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, ainda hoje uma série de questões aparece como empecilho para que se possa pensar, de fato, numa igualdade de gênero, tais como: as objetivas diferenças salariais entre homens e mulheres que exercem o mesmo cargo,<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Em 2017, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), o salário dos homens era 29,7% superior ao das mulheres. Segundo a pesquisa, no período de recessão, como o que o Brasil está vivendo nos últimos anos, as mulheres tiveram um aumento expressivo de renda e participação no mercado de trabalho, sendo muitas vezes as provedoras do lar, embora as taxas de desemprego tradicionalmente sejam maiores entre elas. Isso porque, durante a crise, o mercado costuma priorizar a contratação de mulheres, devido ao fato delas se submeterem com mais facilidade a trabalhos precarizados e instáveis. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46642273>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

a desigualdade na ocupação de funções de chefia nas corporações<sup>2</sup> e o desequilíbrio de empenho na conciliação de diversos papéis sociais.<sup>3</sup>

As manifestações ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, como os movimentos de Maio de 68, na França, sem dúvida, foram fundamentais para uma transformação profunda nos mecanismos de poder e para uma série de conquistas libertárias, incluindo uma maior democratização dos direitos das mulheres. Entre os principais avanços neste âmbito, podemos mencionar a ampliação da participação feminina nas esferas econômica, social e política; o controle da maternidade através de métodos contraceptivos; a liberdade sexual e a habilitação ao voto (LIPOVETSKY, 2000). Por outro lado, esse rearranjo político, sociocultural e econômico também provocou inéditos assujeitamentos, ainda mais sutis e eficazes do que aqueles

vividos pelas mulheres modernas, graças à ascensão da cultura neoliberal e ao triunfo do “espírito empresarial” em todas as esferas da vida, acompanhado pela “[...] criação de novos jogos de linguagem, repertórios de sentido ou jogos de verdade que dão consistência ao imaginário de uma época” (BEZERRA, 2002, p. 232).

Partimos da premissa de que nos dias atuais têm ocorrido tanto uma intensificação como um deslocamento em certas demandas femininas, materializadas em três âmbitos principais: as desvantagens e os preconceitos do mercado de trabalho, que se acentuam numa era em que a mulher é convocada a ser bem-sucedida e a contribuir com as despesas da casa; os estímulos em torno à otimização de si, em meio aos inéditos ideais de bem-estar e desempenho; e, por fim, a sobrecarga de atribuições com a família, que tem resultado em mal-estares

2 Segundo uma pesquisa realizada pela Relação Anual de Informações Sociais (Rais), a atuação das mulheres em cargos de gerente e diretoria aumentou de 32,3% e 31,9%, respectivamente, para 39,2% e 42,4%, em 2017, representando ainda menos da metade dos postos. Por outro lado, de acordo com a GPTW, a ocupação de cargos de chefia nas 150 melhores empresas para trabalhar teve um recuo de 16% para 15%, entre 2017 e 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/03/aumenta-a-participacao-de-mulheres-em-cargos-de-chefia.shtml>> Acesso em: 16 jul. 2019.

3 De acordo com pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, as mulheres dedicam quase o dobro de horas às atividades domésticas em relação aos homens. Enquanto as mulheres que trabalham fora de casa dedicam em média 18,1 horas semanais às tarefas familiares, os maridos na mesma condição investem cerca de 10,3 horas semanais a essas funções. Já as mulheres fora do mercado de trabalho costumam passar cerca de 23,2 horas em média cuidando dos afazeres domésticos, enquanto os homens, desempregados ou inativos, dedicam em média 12 horas semanais. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/cai-pelo-segundo-ano-consecutivo-numero-de-familias-chefiadas-por-homens-mostra-ibge-22625938>> Acesso em: 16 jul. 2019.

psicológicos caracterizados como “carga mental” (HAICAULT, 1984, *apud* HIRATA, 2009, p. 259), estresse emocional<sup>4</sup> e depressão<sup>5</sup>.

Diante disso, a tarefa de conciliar maternidade com afazeres domésticos e aliá-las a uma atividade profissional tem sido um dos grandes desafios contemporâneos. Não surpreende, portanto, a emergência, nas duas últimas décadas, de uma nova categoria profissional concebida justamente para as mulheres que necessitam performar nesses variados âmbitos da vida: o empreendedorismo materno. Segundo as definições encontradas na mídia,<sup>6</sup> ele seria uma ferramenta de conciliação de uma vida profissional realizadora com uma maternidade ativa, já que a autonomia de ser “a própria chefe” permitiria a flexibilidade de distribuir

o tempo, como profissional e mãe, de acordo com a avaliação pessoal.

Neste artigo, que constitui o início de uma pesquisa ainda em fase exploratória, propomos olhar para esta nova figura através dos discursos promovidos em um espaço (virtual) específico, o Maternativa<sup>7</sup>. Autodescrito como “o maior portal de empreendedorismo materno do Brasil”, presente na web tanto através de um site próprio quanto por meio de um grupo fechado na rede social *Facebook*, a rede criada em 2015 se define como uma “startup de impacto social que tem como propósito transformar a relação entre mães e mercado de trabalho”. Neste espaço de interação *on-line*, os *posts*, comentários, reportagens sugeridas e materiais produzidos e disponibilizados pelas organizadoras da rede nos dão algumas

- 
- 4 Uma pesquisa realizada entre empreendedoras no VI Fórum Empreendedoras de 2017 aponta que 78% das empreendedoras apresentam sintomas de estresse emocional. Entre os principais sintomas mencionados, estão nervosismo, preocupação, cansaço e dificuldades em dormir. Disponível em: <<https://rme.net.br/2017/09/28/78-das-empreendedoras-apresentam-sintomas-de-estresse-emocional-revela-pesquisa/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.
  - 5 Em um estudo epidemiológico com mais de 2 mil mulheres, Pinho e Araújo (2012) sustentam haver uma associação entre sobrecarga de trabalhos domésticos e transtornos mentais como a depressão.
  - 6 “O empreendedorismo é uma saída para algumas mulheres conciliarem a carreira com o papel de mãe.” A afirmação, que abre reportagem sobre o tema no site de *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*, é recorrente na em matérias que apontam, ainda, o empreendedorismo materno como uma tendência de mercado. Alguns exemplos disso podem ser vistos em: <<https://revistapegn.globo.com/Mulheres-empreendedoras/noticia/2018/05/maes-empreendedoras-3-mulheres-que-criaram-negocios-apos-ter-filhos.html>>; <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,mulheres-abrem-o-proprio-negocio-para-conciliar-trabalho-e-maternidade,1684028>>; <<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/as-novas-maes-empreendedoras-325hmthrw6fy6bouue0o0shjg/>>. De acordo com o estudo “Empreendedora e seus negócios”, realizado em 2018 pela Rede Mulher Empreendedora, sete em cada dez mulheres buscaram o empreendedorismo por conta da maternidade, seduzidas pela perspectiva de conciliar a atividade profissional à chegada do novo membro da família. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/pme/7-a-cada-10-mulheres-buscaram-o-empreendedorismo-por-conta-da-maternidade/>>. Acesso: 16 jul. de 2019.
  - 7 Disponível em: <https://www.facebook.com/maternativabr/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

pistas para compreender os predicados subjetivos associados às mães empreendedoras, bem como alguns dos conflitos e contradições que esses emergentes modos de ser e estar no mundo carregam. Entre as diversas contradições inerentes a esta figura, focaremos neste artigo na incongruência contida na ideia de “conciliação de afazeres”, que como veremos recai majoritariamente sobre as mulheres e acarreta em estados de estafa física e mental.

Acreditamos que, embora a imagem da “mompreneur” seja construída sobre um aparente caráter emancipatório, tal subjetividade não apenas respalda um imperativo por performance feminina, como também enfraquece uma crítica mais contundente a um mercado de trabalho hostil às demandas de mães trabalhadoras. Antes, porém, de realizar a análise proposta, reservamos um breve momento para situar a emergência dessa categoria subjetiva, sinalizando algumas das “condições de possibilidade” (FOUCAULT, 1979, p. 7) que tornaram esta figura não apenas concebível, mas inclusive requerida nos dias de hoje.

### A “mompreneur”

A palavra “mompreneur”, um neologismo que na língua inglesa corresponde a junção dos termos *mãe* e *empreendedora*, foi cunhada há pouco mais de 20 anos por Patricia Cobe e Ellen Parlapiano, autoras do livro

*Mompreneurs: A Mother's Practical Step-by-Step Guide to Work-at-Home Success* (1996). Sem dúvida, a maior contribuição do guia prático destinado às mães que trabalham em casa (e almejam o sucesso!) foi a criação de um nome, uma categoria social à qual mulheres que partilham de experiências semelhantes podem se identificar. Embora, a princípio, tenhamos a tendência a não considerar a nomeação como algo significativo ou transformador, a criação de novas categorias é um processo através do qual são designados novos “tipos de pessoa”, o que se relaciona ao processo de *subjetivação*, como argumenta Ian Hacking em *Making up people* (1985). Seguindo o legado de Michel Foucault, para quem a nomeação era um dos elementos discursivos mais potentes na constituição de si, o filósofo canadense disserta sobre como a configuração de novas formas de subjetividade e de sociabilidade está intimamente ligada à invenção de novas categorias com as quais os sujeitos podem ser rotulados. Se, argumenta o autor, mudanças sociais contribuem para a criação de novas categorias de pessoas, por outro lado “[...] as pessoas se adequam, espontaneamente, às suas categorias” (1985, p. 161). Ainda que tal “espontaneidade” na adequação possa ser problematizada, é de se notar que, enquanto hoje a categoria de “mompreneur” está se tornando cada vez mais ubíqua e popular (sendo, inclusive, orgulhosamente requerida e autopropalada pelas mulheres), não existe um paralelo

em tal definição para o universo masculino – algo como o “dadpreneur”. Isso, sem dúvida, é significativo e diz muito a respeito da permanência de uma “divisão sexual do trabalho”, segundo a definição dada por Hirata e Ker goat (2007, p. 596), revelando bastante sobre as racionalidades (e intencionalidades) que fundamentam esta nova categoria.

Embora a palavra “mompreneur” exista desde 1996, seu uso massivo se deu ao final da primeira década do século XXI, como documenta a pesquisa de Meredith Krueger (2015): sua busca pelo termo no Google em 2010 resultou em cerca de 120 mil menções; em 2011 os resultados subiram para mais de 700 mil. Em meados de 2019, a ferramenta de busca é capaz de rastrear mais de 4,7 milhões de resultados em 0,44 segundos, incluindo desde verbetes no Wikipedia; em dicionários

tradicionais<sup>8</sup> ou de negócios<sup>9</sup>; chegando a links para revistas<sup>10</sup>, TED Talks<sup>11</sup>, cursos de capacitação<sup>12</sup>, sociedades e institutos<sup>13</sup>, *podcasts*<sup>14</sup> e inúmeras reportagens que, em tons positivistas e inspiracionais, ilustram casos de sucesso e dão ideias de como montar seu próprio empreendimento materno<sup>15</sup>. De fato, trata-se de um crescimento vertiginoso e que chama atenção não apenas pela influência subjetiva que tal dispersão discursiva representa, mas também pela potência mercadológica que ela traz consigo.

Nos dois ambientes discursivos em que o tema do empreendedorismo materno tem sido mais recorrente – na mídia e naquilo que Krueger (2015) chamou de “mompreneurial webspace”, ou seja, o conjunto de sites, *blogs* e grupos em redes sociais feitos por e para as mães empreendedoras –, em geral são apresentadas

- 
- 8** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/mompreneur>>. Acesso em: 09 jul. de 2019.
- 9** Disponível em: <<http://www.businessdictionary.com/definition/mompreneur.html>>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- 10** Disponível em: <<https://themompreneur.com/magazine/>>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- 11** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hK6T68EBtc0>>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- 12** Disponível em: <<https://mompreneurmoney.teachable.com>>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- 13** Como a Sociedade Brasileira de Empreendedorismo Materno (<http://www.sbempreendedorismomaterno.com.br/>) e o Instituto Rede Mulher Empreendedora (<https://rme.net.br/>).
- 14** Disponível em: <<https://player.fm/podcasts/mompreneurs>>. Acesso em: 09 jul. 2019.
- 15** *4 Secrets to Success as a Mompreneur* (<https://www.inc.com/bill-carmody/4-secrets-to-success-as-a-mompreneur.html>); *5 Tips on Becoming a Mighty Mompreneur* ([https://www.huffpost.com/entry/5-tips-on-becoming-a-migh\\_b\\_9898786](https://www.huffpost.com/entry/5-tips-on-becoming-a-migh_b_9898786)); *How to Have a Work-Life Balance Being Mompreneur* (<https://www.entrepreneur.com/article/313661>); *The 25 Best Business Ideas for the Aspiring Mompreneur* (<https://www.fundera.com/blog/mompreneur>). Acesso em: 09 jul. 2019.

três grandes linhas de força que contribuem para a emergência e a popularidade dessa prática hoje. As tecnologias digitais possibilitariam que mulheres trabalhem em suas casas e, conectadas através de seus computadores e smartphones, estabeleçam novos mercados e redes de relacionamento. Desigualdades em termos de acesso a tecnologias e serviços obviamente não são pontuadas nos discursos; e pouco se fala das imensas dificuldades cognitivas envolvidas em desenvolver um negócio bem-sucedido na web.

As novas configurações do trabalho também são apontadas como propulsoras do empreendedorismo materno: diante de uma realidade de expansão e diversificação da atividade empreendedora em detrimento das tradicionais formas de trabalho assalariado (SALGADO, 2016), tornar-se "empreendedora" após a perda de um emprego formal é mais do que apenas uma escolha, mas uma recorrente realidade. Empreender, para essas mulheres, assim como para muitos outros indivíduos, é na maioria das vezes uma questão de necessidade e falta de opção, e não de oportunidade ou predileção. Na maior parte dos casos, as mães empreendedoras são "PJs", trabalhando para si mesmas e sendo elas próprias suas empresas. Cada vez mais distantes do modelo de trabalho instituído ao longo da duração do *welfare state*, as "mompreneurs"

incorporariam uma nova dinâmica laboral, mais afinada à elaboração de Foucault do *homo economicus* do capitalismo tardio: "o empreendedor de si mesmo" (FOUCAULT, 2008, p. 311).

Finalmente, algumas das transformações sociais e culturais em curso embasariam a emergência de uma mulher estimulada a ser bem-sucedida em áreas supostamente (ou historicamente) discrepantes, como a maternidade, a carreira, a sexualidade e a sociabilidade (LEAL, 2015). As limitações de espaço deste artigo não permitem um maior desenvolvimento desses fatores, mas é importante ressaltar a proeminência de um discurso que, em linhas gerais, diz à mulher: "você tem o direito (quicê o dever) de ser bem-sucedida em todos os âmbitos da vida, não espere nada menos do que isso!". A espinha dorsal da ideia de empreendedorismo materno – a bem-sucedida conciliação entre as esferas pessoal e profissional –, ainda que revestida de um caráter emancipatório, revela um pungente imperativo à performance feminina, como será possível perceber nos relatos das próprias "mompreneurs" no grupo Maternativa.

### Maternativa

Criada em 2015 por Ana Laura Castro e Camila Conti, a rede Maternativa surgiu da "[...] consciência de que o mercado de trabalho é extremamente despreparado para receber e lidar

com as mães puérperas”<sup>16</sup>. Desejosas de poder estar mais tempo ao lado dos filhos nos primeiros anos de vida e necessitando manter uma atividade profissional remunerada, Ana Laura e Camila vislumbraram a possibilidade de criar uma rede de suporte a mães que passassem pelos mesmos desafios. Após um mês da criação do grupo no *Facebook*, o Maternativa já contava com mais de 600 mães. Um ano depois, já eram quase 20 mil integrantes. Em pesquisa quantitativa realizada em 2015 pelas criadoras com aproximadamente 100 associadas, o perfil de “quem são as mães que estão no grupo” apontou os seguintes dados: mais de 90% residem no Sul e Sudeste do Brasil e têm entre 25 e 40 anos; 78% não eram empreendedoras antes da maternidade, e decidiram sê-lo para, entre outros fatores, “ficar mais perto do filho” (19%), “ser dona do próprio tempo” (16%) e “ter mais qualidade de vida” (16%). Enquanto a maioria alega que decidiu empreender pois “queria fazer algo de que gostasse” (45%), 28% dizem ter pedido demissão após o nascimento do filho, e 9% perderam o emprego na mesma ocasião. Finalmente, entre as maiores dificuldades de ser uma mãe empreendedora estão: “gerenciamento do tempo” (17%), “ser comercialmente competitiva” (12%), “conciliar família e trabalho” (11%). Já nesses dados iniciais, é possível perceber uma visível discrepância

entre as expectativas de um empreendedorismo materno idealizado (em que é possível ficar mais tempo perto dos filhos, ter qualidade de vida e dominar seu tempo) e a realidade que a prática apresenta (dificuldades em gerenciar tempo, negócio, família, lucratividade).

Um panorama mais amplo do empreendedorismo materno no Brasil é apresentado na pesquisa *Empreendedoras e seus negócios: perfil do empreendedorismo feminino no Brasil*, desenvolvida em 2017 pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora com o patrocínio das empresas Avon, Sage e *Facebook*. O levantamento quantitativo com mais de 800 mulheres espalhadas pelo Brasil trouxe algumas conclusões pertinentes para contextualizarmos o cenário aqui estudado. Embora a pesquisa não se restrinja a mães empreendedoras, do total das entrevistadas 55% são mães e, destas, 75% se tornaram empreendedoras após a maternidade. Dentre as motivações para empreender apontados por todas as empreendedoras entrevistadas, conciliar o trabalho e a família foi a mais citada; a busca por sucesso profissional e por maior qualidade de vida também aparecem como motivadores.

Não obstante, constatou-se que “as mulheres empreendem mais frequentemente por

necessidade do que por terem identificado uma oportunidade”, o que reforça a ideia de que muitas são levadas ao empreendedorismo por falta de melhores opções no mercado de trabalho tradicional. Com uma idade média de 39 anos, pode-se dizer que a maioria das empreendedoras pesquisadas faz parte de uma classe privilegiada: 53% pertencem à classe B, e 79% têm ensino superior completo ou pós-graduação. Na análise entre as diferentes categorias de empresas (informais, MEIS, microempresas e empresas de pequeno porte), percebeu-se a maior concentração de mulheres não brancas como informais e MEIS, enquanto apenas 20% dessas mulheres (negras e pardas) integram empresas de pequeno porte e microempresas. Ainda que sob um universo amostral diferente e com questões de investigação distintas, é possível reconhecer algumas recorrências entre as duas pesquisas, destacadamente a busca pela conciliação das vidas profissional e familiar.

No *Facebook*, o intuito do grupo Maternativa é criar um espaço em que informações e conteúdos relacionados ao empreendedorismo materno possam ser compartilhados entre as integrantes, auxiliando mulheres que desejam realizar uma guinada na vida profissional. Desta forma, as postagens mais comuns são: apresentações das mães, contando suas histórias e expondo seus empreendimentos; pedidos de ajuda e oferta de dicas sobre o processo

de empreender (aplicativos, conhecimentos de marketing ou finanças, cursos e eventos, legislação, *coaching*); *posts* motivacionais, com palavras de encorajamento e apoio; e finalmente os desabafos, que embora não sejam permitidos pela curadoria do grupo (e podem ser deletados sem aviso prévio) abundam na rede, servindo-nos de pistas valiosas para compreender os mal-estares que compõem essa nova configuração subjetiva.

De modo geral, a trajetória típica de uma “mompreneur” é a seguinte: durante a licença maternidade, ou após o nascimento do filho, a mulher começa a questionar seu retorno ao mercado de trabalho aos moldes em que o realizava antes de tornar-se mãe (o que muitas vezes envolvia longas jornadas de trabalho, acúmulo de funções, “levar” trabalho para casa). Percebe o desejo por permanecer mais tempo junto ao filho e antevê as dificuldades que possivelmente enfrentará em seu retorno. Em paralelo, essas mulheres vislumbram, ao longo da gravidez e dos primeiros meses de vida do filho, oportunidades de mercado em termos de produtos e serviços destinados a facilitar e promover a vida doméstica e os cuidados com as crianças que são negligenciadas. Assim, em algum momento de suas vidas (algo que varia muito e pode se dar imediatamente após o término da licença ou muito tempo mais tarde) essas mulheres mudam de vida: se demitem ou



são demitidas, empreendem paralelamente ao trabalho formal ou se dedicam exclusivamente ao empreendimento.

Percebe-se, em dezenas de relatos, o sentido de “libertação” envolvido na ideia do empreendedorismo materno: no mercado tradicional, a mulher seria constrangida por uma “rotina maluca de trabalho”, em que as demandas da maternidade e aquelas de um trabalho “44 horas” são incompatíveis, sendo a demissão apresentada por muitas como um “alívio”. Dentro desta construção, o empreendedorismo materno surge como solução perfeita: seria possível dedicar-se a um trabalho no qual se faz o que realmente gosta e, ainda, ter total gerência sobre sua rotina, com tempo para acompanhar de maneira ativa o crescimento dos filhos, sem delegar nada a terceiros. Esse ideário é complementado, ainda, com imagens que apresentam uma versão no mínimo romaneada do empreendedorismo materno. A busca pelos termos “momprenneur”, “mãe empreendedora” e “empreendedorismo materno” no Google Imagens revela mulheres sorridentes e de aparência saudável, respondendo a um e-mail ou telefonema enquanto carregam uma tranquila criança no colo. O ambiente em que a cena é representada, em geral, é um arrumado “home office”, aparentemente sem qualquer vestígio do caos de uma casa com uma criança pequena. A grande maioria das imagens é de mulheres

brancas, magras, bem vestidas e penteadas, sendo necessário digitar “mãe empreendedora negra” para que apareça uma foto de uma negra na mesma representação. Um resultado recorrente da busca é a ilustração da “mulher multitarefa”, que assim como a deusa hindu Durga, tem várias mãos para dar conta de seus vários afazeres (ver Figura 1). No grupo em questão, tal visão romaneada de um dia a dia tranquilo e organizado é muitas vezes contestada por postagens de mulheres que mostram uma realidade bastante diferente (ver Figura 2), e recorrem à rede em busca de dicas ou soluções que permitam alcançar um cenário ideal.

A noção de que a mulher, mais do que o homem, tem capacidade de exercer diversas tarefas simultaneamente e de maneira harmoniosa não é um dado novo. Como já apontaram Rizek e Leite (1998, p. 289) em estudo sobre o trabalho fabril feminino, a ideia de uma “sensibilidade de gênero” é usada para destinar às mulheres trabalhos mais adaptados a “um uso das habilidades supostamente inscritas no corpo feminino”, como a atenção, o uso das capacidades visuais e auditivas, a delicadeza e o cuidado. De tempos em tempos, matérias na mídia apontam estudos científicos que asseguram a superioridade feminina quando o assunto é a gestão simultânea de múltiplas incumbências. As justificativas vão desde aspectos fisiológicos

Figura 1: Home office "ideal" no Google Imagens.



Fonte: Google imagens, 2018

Figura 2: Postagem de home office "real".



Fonte: Maternativa, 2015

(como capacidade cognitiva) até culturais: por terem desempenhado tarefas domésticas como arrumar a casa e cuidar dos filhos, as mulheres teriam aprendido, na prática, a ser multitarefa. Em sua dissertação de mestrado, Tatiane Leal (2015) mostra como a retórica da “mulher poderosa” vem sendo apresentada como a nova imagem da mulher contemporânea. A “supermulher” construída pela mídia é a perfeita timoneira de uma vida bem-sucedida, sabendo equilibrar, harmoniosamente, trabalho, casamento, maternidade, beleza e sociabilidade. Leal (2015) mostra, no entanto, “como esse modelo de vida equilibrada é uma retórica que mascara a exigência da alta performance em variadas esferas” (p. 22). Tratar-se-ia de uma realidade na qual supostamente é possível “conquistar tudo”.

Não é facultada à mulher a possibilidade de deixar de corresponder aos padrões de excelência em nenhuma delas. [...] A exigência de uma performance sem limites em todas as esferas da vida propaga um ideal de felicidade difícil de ser alcançado plenamente, contribuindo para gerar mal-estares como a culpa e a ansiedade (LEAL, 2015, p. 126).

Cabe ressaltar, no entanto, que a exigência por alta performance em todos os âmbitos não estaria restrita somente às mulheres. Com o declínio do Estado de bem-estar social e com a ascensão do neoliberalismo, os sujeitos perderam quase todas as garantias de segurança,

provenientes de políticas públicas e do amparo estatal, e passaram a contar apenas consigo para garantir a própria sobrevivência num mundo regido pelo mercado, que tem a competição como regra do jogo. Nesse cenário, cabe a todos (e a qualquer um) interiorizar os discursos meritocráticos que dão tom aos testemunhos de sucesso atuais e dispor de ferramentas necessárias para reproduzi-los, gerindo a si como uma empresa rentável e bem-sucedida. Ao analisar o atual regime de poder, o pesquisador coreano Byung-Chul Han, no livro *Sociedade do cansaço*, 2015, atenta para o desenvolvimento de formas simbólicas de violência ainda mais sutis e eficazes que aquelas implementadas no decorrer do período moderno. Um dos principais argumentos do autor é que atualmente vivemos um “excesso de positividade”, em contraposição à negatividade que imperava nos rígidos regimes disciplinares – analisados pelo filósofo francês Michel Foucault (1987). Enquanto a violência na era industrial tinha um caráter privativo e excludente; na sociedade contemporânea – orquestrada pelo mercado e pelos fluxos globais de informação e consumo – ela se institui através de dinâmicas saturantes e exaustivas, em favor de um ideal normativo de alta performance otimizada. Assim, argumenta Han (2015), os indivíduos em vez de sofrerem pela negatividade da coerção, da proibição e do dever, passaram a sofrer pela positividade do poder e pelo excesso de

estímulos que ditam os novos imperativos em torno à superprodução, ao superdesempenho e à supercomunicação. Na década de 1970, Foucault sagazmente já nos alertara sobre essas novas torções nos mecanismos de captura, relatando o seguinte: “encontramos um novo investimento [sobre o corpo] que não tem mais a forma de controle-*repressão*, mas de controle-*estimulação*” (1979, p. 147).

Sob o lema “Yes, we can”, os novos assujeitamentos se impõem, sobretudo, na aparente sensação de liberdade e autonomia que rege a “sociedade de desempenho” e camufla as novas formas de sujeição. Os loucos e delinquentes de outrora, produzidos pela negatividade das normas e das leis, bem como pelas fronteiras dicotômicas entre normal e anormal, certo e errado; agora dão lugar aos depressivos e fracassados, vítimas da permissividade, do livre-arbítrio e do “cansaço de fazer e poder”. Nessa nova relação consigo, com os outros e com o mundo, “[...] a depressão se expande ali onde os mandatos e proibições da sociedade disciplinar dão lugar à responsabilidade própria e à iniciativa” (HAN, 2015, p. 27). Os sujeitos “da obediência” da era industrial, portanto, vêm perdendo espaço para os contemporâneos “sujeitos do desempenho e da produção”, empresários de si mesmos. Ao que parece, as mães empreendedoras não escaparam desta nova modalidade de “servidão voluntária”, que fomenta

a autoexploração, ao mesmo tempo que ganha ares de liberdade e autonomia.

Nos relatos das mães empreendedoras presentes no *Maternativa*, o mal-estar aparece recorrentemente em *posts* marcados pela rubrica [desabafo]. Neles, é possível perceber como o ideal de equilíbrio e realização plena (tanto profissional quanto pessoal) que marca a construção subjetiva da mãe empreendedora nem sempre é realizável na prática. O cansaço pelo acúmulo de afazeres (domésticos, com os filhos e a casa, e com o trabalho) desponta como principal reclamação de mulheres que dormem poucas horas por dia e têm que aproveitar as madrugadas para poder realizar algum trabalho. Afinal, como bem pontua o historiador da arte Jonathan Crary (2014), no livro *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos” (p. 23). Sempre disponíveis, produtivas, conectadas e cansadas, essas mulheres precisam atender a um ritmo de atuação “24/7”. Isto é, vinte e quatro horas por dia durante os sete dias da semana. “É um tempo que não passa mais, para além das horas do relógio”, diagnostica o autor (2014, p. 18).

Não se submeter a tal inscrição da vida, contínua e sem descanso, estaria intimamente ligado a um sentimento de fracasso e temor de reprovação e econômico. As armadilhas

presentes nesses novos estímulos são muitas. Sobre elas, Crary alerta (2014, p. 19): “um ambiente 24/7 parece um mundo social, mas é na verdade um modelo não social de desempenho maquínico e uma interrupção da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia”. E prossegue: “é uma zona de insensibilidade, de amnésia, de tudo que impede a possibilidade de experiência” (p. 26). Enquanto o futuro tem perdido as expectativas de progresso e desenvolvimento, tornando-se incerto e ameaçador, o presente se hipertrofiou e se homogeneizou. Trata-se agora de uma condição atemporal que inibe as possibilidades de mudança e de acontecimentos inesperados, estimulando um ambiente de isolamento social e de impotência política. Pautado na repetição do mesmo, o “eterno presente” está a serviço do capital e demanda que cada um invista o seu tempo e as energias vitais numa batalha diária pelo ganho e pela sobrevivência pessoal.

Não é de estranhar que as mães empreendedoras aqui em foco, alinhadas com o funcionamento do mercado e com o ritmo de vida 24/7, percam o controle de suas rotinas e não consigam mais ter distinção entre vida pessoal e profissional, trabalho e não trabalho, ação e repouso, público e privado. Os inúmeros relatos e desabafos que tratam da enorme carga de trabalho e do consequente cansaço se potencializam diante da constatação de

que tal ritmo de vida acaba por impedir que se dediquem tanto, ou com qualidade, aos filhos – um dos principais motivos para que se tornassem “mompreneurs”. Desta forma, podemos perceber uma incongruência entre a imagem idealizada de uma mãe empreendedora – aquela que será muito mais feliz e realizada, pois vai ser livre para trabalhar com o que gosta, sendo a própria chefe e ganhando dinheiro enquanto acompanha os pormenores da rotina dos filhos – e aquela que se torna a realidade de muitas – um trabalho muitas vezes solitário e exaustivo, que exige uma dedicação muito maior do que o imaginado e remunera menos do que o esperado. Uma atividade laboral que nem sempre permite o sonhado “tempo de qualidade” com os filhos. Como, então, explicar a diferença entre os estados ideal e real do empreendedorismo materno? Enquanto seria perfeitamente possível elencar uma série de fatores estruturais e culturais para os desafios vividos pelas “mompreneurs” (como as dificuldades burocráticas e financeiras inerentes a qualquer pequeno negócio; a parca oferta de capacitação de qualidade e acessível a todas; a mentalidade patriarcal – embutida inclusive nas mulheres – que atribui as responsabilidades domésticas e familiares à figura feminina), na rede é possível observar muitas explicações individualizantes. Isto é, seriam as características pessoais das mulheres – sua força de vontade, seu talento, sua resiliência

– que definiriam e explicariam sua trajetória de sucesso ou fracasso.

Esta abordagem certamente não é nova, mas ao contrário reflete um traço típico do sistema neoliberal, que tende para a privatização de toda e qualquer responsabilidade pelo destino individual. Diante de uma realidade na qual o aparelho estatal e as redes comunitárias de suporte perdem proeminência, vemos emergir discursos que ignoram os aspectos estruturais e dão ênfase à interioridade subjetiva e à responsabilização pessoal. Seriam os atributos psicológicos e comportamentais do sujeito – não suas condições sociais, culturais ou estruturais – as reais fontes de seu êxito ou sua ruína. Como veremos a seguir, a defesa por tal modelo de vida performático e individualizante – assim como resistências a ele – se faz presente em discursos da rede Maternativa.

### Vá ser feliz! Seus filhos agradecem!

Esse é o título de uma postagem do grupo, datada de 12 de abril de 2018, que teve mais de uma centena de curtidas e aproximadamente 30 comentários. Nele, a integrante compartilha um texto cuja autoria atribui à psicóloga Carol Kherlakia:

Eu nunca vi filhos felizes com uma mãe infeliz! Simplesmente não dá! A mãe dita o clima, o humor, é o fio terra da casa. Tudo passa por ela. Sabe quando o comissário

de bordo diz para os adultos colocarem primeiro a máscara de oxigênio neles e depois nas crianças? É assim que vejo nosso papel de mãe. Isso quer dizer que precisamos nos salvar primeiro pra depois salvar nossos filhos. Eles não se salvam sozinhos. Essa é uma ótima analogia pra maternidade. Num primeiro momento, pode soar um pouco de egoísmo colocarmos a máscara na gente primeiro, mas depois fica tão óbvio! Por isso, se você quiser seus filhos felizes, fique feliz! Sacrifique um pouco eles por você. Não, não é egoísmo! É o melhor que você pode fazer pelos pequenos. É assim que eles vão ficar bem, tendo você bem! Se para isso você precisa sair pra jantar com as amigas de vez enquanto (sic), fazer a sua academia e viajar uma semana só com o marido, então faça! Faça e sem culpa! O que adianta um final de semana a mais com eles e você triste, desmotivada e esgotada? Mãe exausta fica brava, impaciente e o tempo junto com os filhos fica nocivo e não saudável. Vá se recarregar e volte cheia de energia. Ainda terão muitos finais de semana pra você curtir seus filhos pela frente. Jogue essa culpa pra lá e vá ser feliz! Seus filhos agradecem!

O brado pela busca da felicidade materna é, a princípio, revestido de caráter emancipador às mulheres. Mas olhando mais detidamente é possível perceber as linhas de força e as implicações ali presentes. Em primeiro lugar, o pressuposto de que se parte: se as mulheres precisam se libertar de certas responsabilidades e deveres que as impedem de serem felizes – e isto seria um ato difícil, pois implicaria culpa por um suposto egoísmo –, seria porque tais responsabilidades e deveres

são consensualmente atribuídos a elas, inclusive por elas mesmas. A necessidade de se desprender de um ideal de maternidade construído como exclusivo e empenhativo só pode existir diante da realidade de tal ideal. Assim como todo poder pressupõe uma resistência, toda resistência pressupõe um poder. E, na fuga por tal imperativo de uma maternidade integral, depara-se com outro imperativo contemporâneo: o da felicidade.

Capturada pelo espírito empresarial, a felicidade foi instrumentalizada e redefinida nas últimas décadas, sendo elencada na lista dos principais atributos performáticos a serem conquistados, mensurados e espetacularizados na construção de uma subjetividade bem-sucedida. Não mais concebida como um estado de exceção ou um horizonte utópico a ser perseguido, o imaginário social – intensamente propagado pela tecnociência, pela psicologia positiva e pelos guias de autoajuda – parte da ideia de que a felicidade pode ser vivenciada ininterruptamente, uma vez que a sua manifestação “[...] está atrelada, apenas e tão somente, à livre determinação moral do indivíduo para engajar-se em sua reforma e seu crescimento pessoal”, como atenta João Freire Filho (2010, p. 55). Tais capacidades individuais e meritocráticas, por sua vez, ignoram os precários recursos econômicos, educacionais e culturais de que cada sujeito dispõe (FREIRE FILHO, 2010).

O obrigatório estado de bem-estar se transformou em um recurso estratégico para a otimização das diversas esferas da vida, como a saúde, a produtividade, a sociabilidade e a própria maternidade, como visto no relato acima. A felicidade almejada aqui não é livre de injunções e objetivos, mas destina-se a uma utilidade aparentemente mais nobre: o bem-estar dos filhos. Ou seja, a “mãe feliz” retratada (que implica a aquisição de serviços ou experiências tais como jantar fora, ir à academia ou viajar) terá alcançado sua finalidade não em si mesma (o ser feliz por si, a fruição por ela mesma), mas sim pela decorrência de sua felicidade: mais alegria, disposição e paciência que culminam em filhos que devem, igualmente, ser felizes!

Embora a grande maioria dos engajamentos ao *post* tenha sido de afirmação e concordância à ideologia ali presente, olhares críticos e resistências também aparecem e se dividem basicamente em dois argumentos que se entrelaçam: pelo viés da desigualdade de gênero e pelo viés das estruturas sociais. Observações de ordem estruturante questionam a possibilidade de muitas mães em conseguir realizar seus “escapes de felicidade”: “Queria muito que fosse tão simples assim, quando não se tem rede de apoio não temos muita opção”; “Concordo com o texto. Mas é bem difícil conseguir isso sem rede de apoio. E essa, pra mim, é uma

transformação social que precisa ser promovida cada vez mais”.

Por outro lado, outras mulheres questionam se a “mãe feliz” não poderia ser uma realidade se os pais compartilhassem, de fato, as obrigações e responsabilidades pela criação dos filhos: “a formação dos filhos sobrecarrega sempre sobre a mãe. Apenas a mãe!! Onde fica a responsabilidade do pai???”; “a maternidade onde a mãe sempre se anula é a maternidade de nossa sociedade machista [...] A obrigação de filhos felizes é do casal, não de gênero. E a aldeia toda é necessária.”. Aqui, fica evidente como as tentativas de obter uma maior igualdade na divisão sexual do trabalho por meio de um “modelo de conciliação” (HIRATA; KERGOAT, 2007), através do qual seria possível que as mulheres concilhassem atribuições profissionais e domésticas, são fadadas ao fracasso já que não necessariamente implicam em uma nova recomposição dos papéis de homens e mulheres no ambiente doméstico. Enquanto o caminho para um maior equilíbrio dos gêneros na esfera profissional necessariamente passa por um equivalente equilíbrio na esfera doméstica – o que seria o “modelo de parceria” (HIRATA; KERGOAT, 2007) – o ideário individualista implicitamente embutido na figura da bem-sucedida “mompreneur”, que concilia e administra carreira e família, destina a responsabilidade pelo seu sucesso (ou fracasso) exclusivamente à mulher.

O que gostaríamos de atentar, já nos encaminhando para a conclusão, é o quanto uma “transformação social” estruturada e disseminada é justamente enfraquecida por discursos como o do *post* acima analisado, que idealiza um ideal performático cujo alcance é construído como um mérito individual (enquanto seu não alcance é retratado igualmente em termos individualizantes, mas neste caso como um fracasso). É preciso, portanto, atentar para uma série de discursos que, embora revestidos por uma aparência de autonomia, “[...] convoca as mulheres mais a uma transformação individualista e psicológica do que a uma ação política” (LEAL, 2015, p. 6).

### Conclusão

No contexto do “neoliberalismo” do final do século XX e início do XXI, marcado pelo desmonte de certos mecanismos de proteção institucional e pela hegemonia de uma mentalidade que legitima a concorrência interpessoal e a performance individual, ganha proeminência o conceito de mérito. Como explica a antropóloga brasileira Livia Barbosa, trata-se de um conjunto de valores que rejeita qualquer tipo de privilégio hereditário ou corporativo e que avalia os indivíduos “independentemente de suas trajetórias e biografias sociais” (BARBOSA, 2003, p. 22), servindo de base à democracia desde a Revolução Francesa. Contudo, tal maneira de formular o *valor* de uma pessoa e de suas ações carrega consigo



um aspecto perverso, pois tende a desconsiderar as condições sociais objetivas vividas pelos indivíduos e a apreciar apenas a capacidade subjetiva de se sobressair aos demais. Segundo Barbosa (2003), a avaliação de desempenho não resulta em um problema em si, mas sim as divergências em torno aos critérios de mensuração dos atributos individuais. Diante dessa falta de consenso, a meritocracia perde a sua potência como um mecanismo de combate à discriminação social inquestionável, e passa a ser um critério de diferenciação, classificação e exclusão.

Uma série de estudos atuais (FREIRE FILHO, 2010; CASTELLANO, 2018; JORGE, 2019) demonstra como os imaginários contemporâneos de sucesso e de alta performance estão intimamente associados à lógica meritocrática, ou seja, a um conjunto de valores segundo os quais as posições sociais e os ganhos dos mais variados sujeitos devem ser consequências de seus méritos e esforços individuais. Aqui, apresentamos mais um objeto que parece ceder à lógica da performance e do mérito: a mãe empreendedora. Não sem embates e resistências, observamos como essa emergente subjetividade – embora seja concebida sob perspectivas emancipatórias e empoderadoras – é sedutoramente capturada pela lógica capitalista, atendendo e respaldando ideais como os de performance e felicidade. Nosso esforço e interesse em olhar para este

objeto é o de perceber como, mesmo onde se supunha existir um suspiro de emancipação e transformação, há também capturas e torções que ofuscam o olhar sobre as relações de poder. Cabe a essas mães, portanto, “descobrir a que estão sendo levadas a servir”, como advertira Gilles Deleuze (1992), e buscar novas armas para combater “as alegrias do marketing” e resistir ao perverso imaginário performático.

## Referências

- BARBOSA, Lívia. **Igualdade e meritocracia:** a ética do desempenho nas sociedades modernas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BEZERRA, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C. A. (Org.). **Transgressões**. Rio: Contracapa, 2002. p. 229-239.
- CASTELLANO, Mayka. **Vencedores e fracassados:** o imperativo do sucesso na cultura da autoajuda. Curitiba: Editora Appris, 2018.
- CRARY, Jonathan. **24/7:** capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE FILHO, João (Org.) **Ser feliz hoje:** reflexão sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

HACKING, Ian. Making Up People. In: HELLER, T. L. et al. (Org.) **Reconstructing Individualism.** Stanford, CA: Stanford University Press, 1985.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JORGE, Marianna Ferreira. **Desempenho tarja preta:** medicalização da vida e espírito empresarial na sociedade contemporânea. Niterói, RJ: Eduff, 2019. (no prelo).

KRUEGER, Meredith. **Care and capitalist crisis in anglophone digital landscapes:** the case of the mompreneur. 2015. MA thesis. University of Washington, 2015.

LEAL, Tatiane. **A mulher poderosa:** construções da vida bem-sucedida feminina no jornalismo brasileiro. 2015. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PINHO, Paloma de Sousa; ARAUJO, Tânia Maria de. Associação entre sobrecarga doméstica e transtornos mentais comuns em mulheres. **Revista Brasileira de**

**Epidemiologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 560-572, set. 2012.

PINTO, Céli. Feminismo, História e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v.18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

RIZEK, Cibele; LEITE, Márcia de Paula. Dimensões e representações do trabalho fabril feminino. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 10, p. 281-307, 1998.

SALGADO, Julia. **Entre solitários e solidários:** o empreendedor nos discursos da Folha de S. Paulo (1972-2011). 217 f. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

## “Mompreneur”: between the promise of an emerging subjectivity and a performatic frustration

### Abstract

This article aims to study the subjectivity ideally built around the figure of the “mompreneur”, an english neologism that designates a new social category: entrepreneur mothers. After its creation in 1996, this new classification has spread exponentially in recent years in many countries of the world, including Brazil. The goal of this work is to understand some of its meanings, as well as its implications in contemporary subjectivities. Using Foucault’s discourse analysis, we examined testimonials posted on *Maternativa*, a group on *Facebook*, where we can realize an ambiguity between the subjective ideal and the frustration resulting from a performative imperative.

### Keywords

Subjectivity. Neoliberalism. Discontent.

## “Madre empreendedora”: entre la promesa de una subjetividad emergente y la frustración del desempeño

### Resumen

Este artículo objetiva examinar el ideal de asuntos corporativos en el futuro de la figura de la madre, el neologismo que designa una nueva categoría social: la de las madres emprendedoras. Después de su creación en 1996, esta nueva clasificación se ha diseminado exponencialmente en los últimos años en muchos países del mundo, incluso en Brasil. La intención del trabajo es adecuada a sus sentidos, así como sus implicaciones en las subjetividades contemporáneas. Recurriendo al análisis de matriz de foucaultiana, examinamos testimonios publicados en el grupo *Maternativa*, presente en *Facebook*, donde podemos constatar una ambigüedad entre el ideal subjetivo y un frente derivado de un imperativo performático.

### Palabras clave

Subjetividad. Neoliberalismo. Malestar.

### Julia Salgado

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail: prof.juliasalgado@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8852-1289>

### Marianna Ferreira Jorge

Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.  
E-mail: mariannaferreirajorge@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2896-5598>

### Contribuição das autoras:

**Concepção e desenho do estudo:** Julia Salgado

**Aquisição, análise ou interpretação dos dados:** Julia Salgado

**Redação do manuscrito:** Julia Salgado, Marianna Ferreira Jorge

**Revisão crítica do conteúdo intelectual:** Julia Salgado, Marianna Ferreira Jorge